

Estância Galvão: o sonho de viver da agricultura na experiência de Júnior e Branca

Cícero Bezerra Galvão Júnior, conhecido como Júnior e Vanilza Santos de Melo Galvão, conhecida como “Branca”, são casados há 10 anos. Os dois têm filhos dos seus primeiros casamentos. Ela tem uma filha de 24 anos que mora em Campina Grande. Ele tem uma filha de 25 anos que mora em Recife e dois filhos, um de 23 e outro de 22 anos, que vivem em Caruaru. Júnior veio de Natal, no Rio Grande do Norte, em 1996, trabalhar em Caruaru como técnico em eletrônica. Os dois se conheceram em 2004. Branca, que morava em Caraúbas, havia se mudado para Caruaru depois de casada e trabalhava como auxiliar de compras no SENAC, há 11 anos.



Os dois se encontraram já separados e começaram o relacionamento. Júnior conta que, em 2004 mesmo, veio passear e conhecer os pais de Branca em Caraúbas e gostou muito da localidade. Branca foi criada na agricultura e sempre gostou da terra, ele, apesar de viver na cidade, sempre alimentou o sonho de viver na agricultura.

Os dois então tomaram a decisão de se mudar e, em 2005, compraram a terra de 6,7 hectares onde vivem hoje, no Sítio Cachoeirinha, município de Caraúbas. Lugar que eles batizaram carinhosamente de Estância Galvão.

O casal então fez um empréstimo na Caixa Econômica para reformar a casa, que estava praticamente caindo. Os dois contam que, após a reforma da casa, a primeira coisa que fizeram foi queimar um capim seco que havia no local. Eles riem ao lembrar que, perderam o controle das chamas e quase tocaram fogo em tudo. Era a gente correndo com os baldes de água pra apagar o fogo, foi uma correria, relembra Branca.

Como fonte de água, a propriedade só tinha um barreiro pequeno para os gastos. Para beber, eles tinham que trazer água da cidade de moto. Júnior diz que após a reforma da casa, começaram a organizar o sítio. Ele, sempre muito curioso, foi aprendendo as coisas da agricultura experimentando, fez investimentos, ampliou o barreiro e melhorou a casa pouco a pouco. Outra história engraçada que lembram, foi quando Júnior foi cercar a propriedade e colocou as estacas de cabeça para baixo. Os vizinhos passavam e ficavam rindo dele, conta Branca. Depois desses investimentos, os dois correram atrás de uma cisterna de beber, que chegou em 2010, com o apoio do Coletivo ASA Cariri Oriental (CASACO) em parceria com o Serviço Pastoral dos Migrantes - SPM.

Com mais água, os dois foram cada vez mais estruturando a propriedade. Plantaram, e plantam até hoje, hortas com coentro, cebolinha, alface, berinjela, pimentão tomate cereja e quiabo. Têm as plantas medicinais capim santo, hortelã gordo, alecrim e camomila. De fruteiras

os dois plantam: graviola, goiaba, banana, abacate, mamão, maracujá, seriguela, pinha, umbu, tamarindo, limão, laranja cravo e mimo do céu. Sou doida por fruta, diz Branca. Júnior tem experimentado o consórcio de fava com maracujá e diz que está dando certo.

Nos roçados eles plantam fava, milho jabatão, feijão, capim sempre verde, sorgo. A plantação de palma das espécies orelha de elefante, gigante do sertão, doce e baiana é uma espécie de laboratório para Júnior. O agricultor faz cruzamentos para testar a resistência à pragas como a da cochonilha. Ele enxertou a palma doce em uma nativa e desse cruzamento saiu uma espécie resistente que seus amigos chamam de palma Galvão, por falta de um nome para dar, eles botaram o meu nome, brinca Júnior.



O casal cria 10 bodes e 10 galinhas. Os bodes são alimentados com uma mistura de palma, milho, gliricídia, algaroba, capim e outras espécies de plantas nativas como feijão bravo, aroeiras, marmaleiro e pereiro. Já as galinhas comem milho e restos de comida caseira e de restos da horta. O casal conta que trabalha junto, apenas Branca gosta mais de cuidar das galinhas e Júnior de manejar os bodes, que são criados soltos durante o dia e presos à noite.

Em 2014, eles conquistaram a sua cisterna de produção do tipo calçadão, com apoio do Centro de Ação Cultural em parceria com o CASACO. Ele também construiu, com recursos próprios, e com

ajuda do Fundo Rotativo Solidário do CASACO, um poço artesiano. Júnior e Branca contam que passaram a participar das atividades de formação no território por influência do irmão dela, que trabalhava no CASACO. Tudo que ele via lá, ele chagava contando pra gente e nós começamos a ir às reuniões e de lá pra cá, não paramos mais, conta Júnior. Eu vou para os encontros e sou muito conhecido, pois gosto muito de conversar, trocar experiências, leio tudo que recebo e procuro adaptar as experiências, para a minha região, complementa o agricultor experimentador.

Júnior e Branca desenvolvem uma série de experiências, aproveitam a água do banho para aguar as fruteiras, usam biofertilizante, fazem compostagem e receitas de caldas que aprenderam nas formações para o controle de pragas. Atualmente os dois se dividem para dar conta do trabalho na Estância Galvão.

Júnior concilia as atividades no sítio com o trabalho de técnico em eletrônica em Caraúbas. Branca cuida de uma tia idosa também em Caraúbas. Mas os dois sonham e se planejam para, num futuro próximo, viverem só da agricultura. Entre os planos estão, a construção de tanques para uma criação de tilápias, aumentar a criação de galinhas e o plantio de hortas para, como diz Branca, ter minha barraquinha na feira. Quero viver aqui, tirar meu sustento daqui, o futuro é esse, se Deus quiser, finaliza a agricultora.



Realização



Apoio

